



Recepção e Juventude: leituras efetuadas por jovens de classe popular acerca das representações da pobreza veiculadas em telejornal¹

Gabrielli Siqueira DALA VECHIA²
Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, RS

RESUMO

Tomando como pressuposto a ideia de receptor como sujeito social, que decodifica as mensagens midiáticas a partir das mediações culturais e instituições em que está inserido, este trabalho pretende investigar como jovens de classe popular lêem, interpretam e re-significam as representações da pobreza fornecidas pelo telejornal. Através de uma aplicação empírica do modelo teórico-metodológico *Encoding/Decoding*, proposto por Stuart Hall em 1980, chega-se a um resultado que corrobora a hipótese do autor de que as leituras negociadas são as que operam com maior frequência, endossando que a recepção da mensagem vai além da pura assimilação ou rejeição.

PALAVRAS-CHAVE: recepção; telejornalismo; juventude; Estudos Culturais; *Encoding/Decoding*

1- Introdução

Ao sugerir que a recepção deve ser entendida não como mera etapa do processo comunicacional, mas como um local novo de onde se deve repensá-lo, Martín-Barbero (1987) reafirma uma corrente teórica que privilegia o receptor como sujeito capaz de dar sentido às mensagens midiáticas. Tal corrente, os Estudos de Recepção, está teórica e metodologicamente vinculada aos Estudos Culturais, que nasceram na década de 60, como uma reação às concepções frankfurtianas de indivíduo, tido como ser desprovido de autonomia e criticidade perante a indústria cultural (Wolf, 1985).

Oriundos das pesquisas desenvolvidas pelo hoje extinto *Centre from Contemporary Cultural Studies* (CCCS), os Estudos Culturais se desenvolveram a partir do objetivo de superação do marxismo pelo marxismo. A ideia basilar do pensamento marxista ortodoxo, de que as superestruturas (política, cultura) são determinadas pela infraestrutura econômica, é combatida com veemência pelos fundadores de tal escola,

¹ Trabalho apresentado na Área Temática 01- Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação 7º semestre Comunicação Social: habilitação Jornalismo da UFSM, bolsista do Programa de Educação Tutorial PET SESu/MEC, e-mail gabriellidalavechia@yahoo.com.br



por manter uma visão mecanicista de cultura. A partir das releituras de Marx, passando por Louis Althusser, os Estudos Culturais chegam ao conceito de hegemonia cunhado pelo italiano Antonio Gramsci, para quem a supremacia de uma classe sobre as demais se dá a partir da subordinação intelectual, através da educação e persuasão. Sedução no sentido de que a classe subalterna pode reconhecer como suas as aspirações da classe dominante. Hall (2003, p. 194), fundador do CCCS juntamente com Richard Hoggart, Raymond Williams e E.P. Thompson, afirma que “apesar de ter lido diversos registros mais sofisticados e elaborados, o de Gramsci ainda me parece ser o que mais se aproxima daquilo que procurávamos fazer”.

Os Estudos de Recepção, dessa forma, se apropriaram dos pressupostos dos Estudos Culturais na tentativa de entender a comunicação como um campo de múltiplas relações entre emissores e receptores. Essa apropriação se refere, essencialmente, à aproximação entre os conceitos de comunicação e cultura, conferindo legitimidade à vivência cotidiana dos sujeitos, bem como às mediações em que estão socialmente inseridos. Nas palavras de Jacks (1993, p. 48-9), a recepção “não se dá apenas no momento de interação com os meios de comunicação, mas começa bem antes e termina bem depois, fundindo-se com as práticas cotidianas dos receptores”.

Inseridos no heterogêneo grupo a que se dá o nome genérico de audiência, estão os jovens. Se os Estudos de Recepção ainda ocupam posição relegada na pesquisa em Comunicação, estudos que elegeram investigar a juventude enquanto receptora de produtos midiáticos são ainda menos frequentes. Dentre as pesquisas desenvolvidas na década de 90, doze privilegiam o adolescente como objeto de estudo e apenas metade trata a temática pelo viés da recepção (Jacks, 2008).

Em parte, a ausência de pesquisas acerca dos usos e leituras da mídia pelos jovens se deve à dificuldade de encerrá-los em um conceito coeso e homogêneo de juventude. A categorização vigente, indicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) define como jovens os indivíduos que se encontram no período etário de 15 a 24 anos. Porém, essa simplificação pode ludibriar diferenças e desigualdades que se impõem pela classe social, raça, gênero.

Há também uma dificuldade de cunho histórico em abordar os jovens como receptores, já que as primeiras pesquisas que trouxeram a juventude à luz da ciência o fizeram pela ótica da desorganização social, em meio ao fenômeno das gangues e dos guetos norteamericanos nos anos 20. Questões ligadas à delinquência, rebeldia e revolta



foram chave para a construção da problematização da juventude no decorrer do século passado.

Em oposição, a concepção que está sendo colocada, atualmente, é a de jovem como sujeito de direito, ao considerar a juventude como etapa singular do desenvolvimento social e pessoal do cidadão. A referida abordagem, porém é, ainda, muito incipiente e não tem ampla aceitação (Krayskopf 2003 *apud* Abramo 2005).

Ao concordar com Sousa (2007), que marca a necessidade de se falar em juventudes – no plural e não no singular – elegemos aqui um recorte que privilegia a classe social: jovens de classe popular enquanto sujeitos receptores.

A explicação para tal escolha encontra-se no âmago teórico dos Estudos Culturais, já que suas três obras seminais³ trataram da cultura das classes populares, até então relegada ao rótulo de “baixa”. De acordo com Schwarz 1994 *apud* Escosteguy 2001, “um dos pilares dos Estudos Culturais é a crença de que as classes populares possuem suas próprias formas culturais, dignas de nome”. Martín-Barbero & Rey (2001) identificam que o conceito de cultura como sinônimo de vivências da elite, ideia rechaçada pelos Estudos Culturais, tem raízes seculares:

(...) confundindo iletrado com inculto, as elites ilustradas, desde o século XVIII, ao tempo que firmavam o povo na política, o negavam na cultura, fazendo da incultura o traço intrínseco que configurava a identidade dos setores populares e o insulto com que tapavam sua interessada incapacidade de aceitar que, nesses setores, pudesse haver experiências e matrizes de outra cultura. (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001, p. 24).

Assim, com o objetivo de verificar como jovens de classe popular lêem, interpretam e ressignificam as representações da pobreza veiculadas em telejornal, este artigo se propõe a fazer uma análise inicial acerca da recepção de um grupo de vinte entrevistados através da aplicação empírica do modelo metodológico *Encoding/Decoding* proposto por Stuart Hall em 1980.

³ *The uses of literacy* (Richard Hoggart, 1957); *Culture and Society* (Raymond Williams, 1958); *The making of the English Working-class* (E.P. Thompson, 1963)



2- Percurso de pesquisa e apontamentos metodológicos

A metodologia em Comunicação espelha a incipiência e a falta de amadurecimento do campo, dificuldades que, segundo Lopes (1990) podem ser contornadas através de uma necessária variedade de metodologias. A autora enfatiza o caráter reflexivo das opções metodológicas e critica a parca consciência do pesquisador acerca da importância de tal escolha:

No caso das pesquisas em Comunicação Social, esse fato se expressa, em princípio, por uma quase ausência de explicitação da estratégia metodológica que sustenta a investigação. É comum nas teses de Comunicação notar-se um marco teórico (às vezes ambicioso, às vezes fraco) que guarda pouca relação com a estratégia metodológica (quase sempre não justificada em relação ao marco teórico) ou então um discurso inicial e bastante genérico sobre o método que serve mais para preencher a função de “título honorífico” (...). (LOPES, 1990, p. 88)

Na tentativa de não recair em tais falhas, o presente artigo elege como opção metodológica o modelo *Encoding/Decoding* proposto por Stuart Hall em consonância com os pressupostos dos Estudos Culturais, dos quais o jamaicano é um dos fundadores, e aos quais esse artigo deve o embasamento teórico.

Apresentado em um colóquio do *Centre for Mass Communication Research*, instituição reconhecida pela realização de pesquisa de efeitos na audiência, o modelo de Hall teve como meta primária interromper a noção transparente de comunicação. Tendo como dada a ideia de que os significados não são fixos, mas frutos de uma construção social, o autor apresenta três posições hipotéticas de leitura por que passam os leitores: preferencial, negociada e de oposição.

A leitura preferencial está baseada em uma situação ideal de transparência e equivalência entre os pólos de emissão e recepção, o que resultaria em um entendimento mais ou menos perfeito do sentido codificado do texto. Em outra extremidade, há a leitura de oposição, em que o receptor decodifica exatamente o significado oposto daquele preferido na construção. Entre os dois extremos, está a terceira leitura, a negociada, que oscila entre os momentos bipolarizados.

Para explicar o sistema comunicacional por meio das relações entre codificadores e decodificadores, Hall (2003) utiliza não um texto midiático, mas a clássica peça *Rei Lear*, de Shakespeare:



Existem centenas de leituras de Rei Lear. Entretanto, Shakespeare não estaria satisfeito com isso. Shakespeare que você veja Lear de um modo particular; ele quer fazer com que você não consiga ler essa peça de outra forma; você tem de ver Lear como o pai assediado. Se você escolhe lê-lo como um velho estúpido, que não tolera o fato de suas filhas trazerem muita gente para dentro de casa, essa é uma leitura aberrante. (HALL, 2003, p. 346).

Quase dez anos depois da apresentação inicial de *Encoding/Decoding*, Hall faz uma autocrítica ao modelo pela dificuldade de se definir a codificação preferencial do texto, e por fazer parecer que as instituições de comunicação possuem orientações ideológicas homogêneas, o que é uma generalização imprecisa.

Apesar das ressalvas, o próprio pesquisador reafirma que, por sua maleabilidade diante diferentes realidades empíricas, o modelo é relevante para a produção científica nos Estudos de Recepção.

Dessa forma, o presente trabalho procura trazer o *Encoding/Decoding* para o campo da empiria ao tentar entender como um grupo de jovens de classe popular lê as representações da pobreza veiculadas em telejornal⁴.

Retomando Lopes (1990), temos que a construção do modelo metodológico se dá a partir do percurso de quatro instâncias: epistemológica, teórica, metódica e técnica. Para esta análise, a instância técnica, conceituada como a etapa que compreende a coleta de informações, consistiu na aplicação de um formulário a vinte jovens de classe popular. Além de questões genéricas que possibilitaram tecer um perfil do grupo em questão - que será explicitado adiante – duas perguntas pontuais sobre a recepção das representações da pobreza no telejornal foram requeridas: a) qual a aparência dos pobres no telejornal? e b) como você gostaria que os pobres aparecessem no telejornal?

⁴ É imprescindível explicitar que esta tentativa de análise trata-se de um estudo piloto para nortear uma futura investigação com fins monográficos e, portanto, não pretende se esgotar em si. Pelo contrário, o objetivo desse contato inicial com tais questões é fornecer pistas sobre como entender as leituras feitas pelos receptores. Portanto, a representação da pobreza não cabe ser problematizada, já que está sendo utilizada apenas como recorte temático para se observar o comportamento da audiência.



3- Aplicando empiricamente o modelo *Encoding/Decoding*: o que é preferencial, negociado, opositivo em relação às representações da pobreza no telejornal?

Para Hall (2003, p. 350), “cabe ao trabalho empírico dizer, em relação a um texto particular e a uma parcela específica da audiência, quais leituras estão operando”. No presente trabalho, em que se pretende analisar a recepção de vinte jovens de classe popular acerca das representações da pobreza fornecidas por telejornal, é preciso especificar onde estariam as três posições sugeridas pelo modelo metodológico adotado.

Em se tratando de uma análise primária, não entraremos nos meandros de como o grupo social em questão – os pobres – é representado no telejornal, mas partiremos de pesquisas anteriores que já tenham se ocupado em verificar tais representações.

Moroni & Oliveira Filha (2008), em pesquisa sobre o papel do telejornalismo no reforço dos estereótipos, analisou durante uma semana as edições do Jornal Nacional, SBT Brasil e Jornal da Record quais as representações dos coletivos sociais enfocados nas reportagens e quais as apreciações de dezenove entrevistados acerca do que foi veiculado. Dentre os coletivos sociais, a questão da pobreza se impôs em duas reportagens, ambas veiculadas pelo telejornal Global, e ambas tendo como gancho factual um projeto da própria emissora, o Criança Esperança.

Em relação às representações da pobreza, as autoras observaram que há, tanto na construção textual quanto imagética, uma distinção entre lugar de rico e lugar de pobre, forjada através de contraposição de planos que enfocam ora casebres amontoados sob íngremes ladeiras ora prédios de classes média e alta de Ipanema. Também há excertos nos textos de passagem, cuja sintaxe e entonação são construídas para evocar melancolia, que subentendem ser o projeto em pauta a única via de desenvolvimento e aperfeiçoamento dos pobres. A estética é outro ponto destacável, já que os personagens eleitos para terem voz são caricatos da classe: estão precariamente vestidos, se expressam com dificuldade e em um português carregado de neologismos e sem regras de concordância. Em suma, as representações da pobreza nos casos analisados, são baseadas no tripé pobreza, favela e falta de oportunidades.

Dacol (2009), ao analisar uma semana do Jornal Nacional com vistas à confirmação (ou não) das hipóteses do agendamento do medo e da ideologia do desempenho, chega a representações da pobreza semelhantes às de Moroni & Oliveira Filha.



Na pesquisa, conclui-se que há uma forte criminalização da favela e, por extensão, de seus moradores, apontando como referência o trabalho de Vaz *et al* (2006), que comprova existir uma super-representação da favela como lugar de criminosos e uma sub-representação como lugar de vítimas. No estudo, também é recorrente um discurso que conota a comodidade e aceitação da posição de classe por parte das camadas desfavorecidas economicamente. Dessa forma, os pobres só aparecem no telejornal quando são perigosos, violentos, pitorescos ou sofreram alguma tragédia, nunca como agente social ativo de sua realidade.

Trazendo tais representações para o lócus que nos interessa analisar, a recepção, podemos afirmar que leituras hegemônicas são aquelas que, em concordância com o supracitado, enxergam a pobreza enquanto ligada à favela, à criminalização, a tragédias, aparência caricata e carência de oportunidades. Na contramão, as leituras opositivas são aquelas que interpretam exatamente o oposto do observado e, finalmente, as negociadas atuam numa posição complexa, que está constantemente oscilando entre os pólos extremos.

4- O telejornal sob outro viés: as leituras efetuadas pelos jovens de classe popular

Eu me perguntava, no início deste trabalho, se os jovens assistiam ao Jornal Nacional e o que eu faria se, durante a pesquisa, descobrisse que eles não o vêem. Mas, aos poucos, não só fui confirmando o quanto o JN é uma referência também para eles, como é fonte de sentimentos os mais variados, que vão do amor ao ódio. Jamais de indiferença. (TRAVANCAS, 2007, p. 88)

Assim como dezesseis jovens etnografados por Travancas (2007), os jovens sujeitos da presente pesquisa também assistem a telejornais e têm seu próprio entendimento, construído a partir das instituições em que estão inseridos e posições ocupadas dentro da estrutura social. O grupo de entrevistados, que foi escolhido por acessibilidade, é composto por doze meninas e oito meninos, cujas idades variam entre 15 e 18 anos, com média de 17. Dentro do recorte de idade e classe, ainda foi observado o fator escolar para seleção dos jovens: todos estavam cursando o ensino médio em escolas públicas da cidade de Santa Maria-RS, à exceção de uma menina, bolsista em colégio privado.

No que tange, especificamente, às leituras do telejornal observadas, quando inquiridos sobre como a pobreza era retratada no referido gênero midiático, a maioria



dos jovens identificou elementos ligados ao estético (ou à falta de). Assim, dos dezoito respondentes a essa questão, treze relacionaram a representação da pobreza à sujeira, à maltrapilha, incorreções vocabulares e violência ratificando os tipos encontrados no telejornal pelos trabalhos citados no item anterior, incorrendo assim, em leituras hegemônicas.

Também podem ser categorizadas como leituras hegemônicas aquelas procedidas por mais dois entrevistados, que realçam as raízes iluministas do jornalismo ao afirmarem que os pobres são representados de determinada forma porque assim o são.

Em pólo oposto, três jovens vêem a pobreza como relacional ao asseio e à resistência social, como pode ser exemplificado pela fala de J2⁵: “me passa uma coisa tipo...a indignação das pessoas pela demora de atendimento na saúde, por exemplo. No mais, os pobres aparecem no jornal com um linguajar normal e limpos, bem vestidos”.

5- Considerações finais

O panorama apresentado, quase maniqueísta, em que há supremacia absoluta da leitura hegemônica, sofre significativas mudanças quando se acrescentam as respostas sobre como os jovens gostariam que os pobres aparecessem nos telejornais, já que, nesse caso, é possível verificar uma oscilação entre os extremos, ou seja, indícios de uma leitura negociada. Leitura, esta, que se torna invisível quando se está tratando de apenas um ponto em específico. Tal mudança se deve ao fato de que os entrevistados que, à primeira vista mostraram-se leitores hegemônicos, englobaram outros conhecimentos de sua cultura vivida para refutar as representações oferecidas. Assim, J1, por exemplo, ao mesmo tempo em que é hegemônico ao ler a pobreza no telejornal como sinônimo de cansaço e inculto, utiliza-se de outros elementos culturais para afirmar que “gostaria que os pobres aparecessem felizes porque o governo melhorou suas vidas”. É visão negociada, que ora refuta, ora aceita o que é do plano do discurso, dialogando com as mediações culturais e instituições às quais o sujeito está vinculado.

⁵ Com o objetivo de preservar os verdadeiros nomes dos entrevistados e facilitar o entendimento aos leitores desta pesquisa, optou-se por identificar os jovens com a letra J e um número correspondente, variável de 1 a 20, englobando o universo total dos sujeitos de pesquisa.



Com um saldo final de onze leituras negociadas, quatro leituras opositivas e quatro leituras hegemônicas, esta pesquisa corrobora com a hipótese do próprio Hall (2003, p. 350), que, ao propor o modelo, previu que as leituras negociadas seriam “provavelmente, o que a maioria de nós faz, na maior parte o tempo”.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel *et al.* **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

DACOL, Karina Aurora. **A pobreza no telejornal: o agendamento do medo e a ideologia do desempenho.** In Anais do X Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, Blumenau, 2009.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HALL, Stuart. Codificação/decodificação. In: SOVIK, Liv. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JACKS, Nilda. **A Recepção na Querência: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica.** São Paulo, 1993. Tese de doutorado. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo.

_____ (coord.); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico.** São Paulo: Loyola, 1990.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo, SENAC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones.** Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva.** São Paulo: SENAC, 2001.



OLIVEIRA FILHA, Elza; MORONI, Alyohha de Oliveira. **Estereótipos no telejornalismo brasileiro: identificação e reforço.** Disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/moroni-alyohha-oliveira-elza-estereotipos-no-telejornalismo.pdf>

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do jardim botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores.** São Paulo: Sumus, 1995.

SOUSA, Cirlene Cristina de. **Juventude e escola: a interseção entre Malhação e o cotidiano dos jovens.** Dissertação- Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

SOUSA, Mauro Wilton de (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 2002.

TRAVANCAS, Isabel. **Juventude e televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1992.